

Os Grandes Discípulos do Buddha

Sinopses do livro **The Great Disciples of the Buddha**,
Nyanaponika Thera and Helmut Hecker, edited by Bhikkhu Bodhi.
Boston: Wisdom, 2007.

Arthur Shaker (*Atula*)

1

Possam esses que foram os grandes discípulos do Buddha nos inspirarem e nortearem nossos caminhos, com seus ensinamentos e notáveis exemplos. Para aqueles interessados em maiores informações, incentivamos fortemente irem à própria fonte, o belo livro referido. Muita gratidão e méritos ao generoso doador desse livro.

Através de breves sinopses, seguiremos alguns ângulos de suas vidas, obras e legados: Sariputta, MahaMoggallana, Mahakassapa, Ananda, Anuruddha, Mahakaccana, as Nobres mulheres discípulas, Angulimala, Anathapindika. E o chefe de família Citta, o Bhikkhu Citta, e o pai e mãe Nakula.

O livro inicia com o Venerável Sariputta. Junto com MahaMoggallana, são arahants considerados os dois maiores discípulos do Buddha: Sariputta à direita, MahaMoggallana à esquerda do Buddha. Sariputta, por suas elevadas qualidades cognitivas, é referido como o Comandante-Guia (Marshall) do Dhamma; Moggallana, o Mestre dos Poderes Psíquicos.

A história de ambos se inicia antes do Buddha Shakyamuni ter aparecido no mundo. Segundo os Jatakas (relatos das vidas passadas do Buddha), os dois eram amigos, de nome Upatissa e Kolita, filhos de duas mulheres brâmanes de famílias muito amigas. Jovens, ambos já tinham uma mente instruída e maestria em todas as ciências, e cada um 500 jovens seguidores brâmanes. Mas, durante um festival anual, viram o espectro da mortalidade humana, se desencantaram dos festivais, e ansiando pelo caminho da libertação da roda dos renascimentos, abandonaram seus lares, e se tornaram ascetas ordenados e instruídos pelo asceta andarilho Sanjaya.

Em curto tempo, aprenderam toda a doutrina de Sanjaya, mas insatisfeitos com a limitação desses ensinamentos, seguiram adiante, passando por muitos ascetas sábios ou brâmanes, sem que fossem respondidas suas questões. Separaram-se, com a promessa de se comunicarem assim que um encontrasse o caminho da Imortalidade. Coube a Upatissa cruzar com o caminho de Assaji, o primeiro dos cinco discípulos do Abençoado. Os dois primeiros versos de Assaji abriram a pura visão do Dhamma para Upatissa, o primeiro lampejo da Não-morte, o caminho da entrada-na-corrente:

*Das coisas que surgem de uma causa
O Tathagata explicou a causa!*

E ao final dos outros dois versos, ele já ouvira como um entrante-na-corrente:

*E também o que é sua cessação:
Esta é a doutrina do Grande Recluso”.*

2

Imediatamente, Upatissa foi ao encontro de seu amigo Kolita, que, ouvindo os mesmos versos, também entrou na fruição da entrada-na-corrente. Kolita quis que fossem imediatamente à procura do Mestre, mas Upatissa, que sempre respeitava quem havia sido seu professor, decidiu que fossem a Sanjaya, e o incentivassem a captar aquela verdade, e caso isso não acontecesse, que ele fosse junto ouvir o Buddha e assim ele penetraria o caminho e a fruição.

Sanjaya recusou seguí-los, argumentando que, se tornando um discípulo, perderia seu status de professor. E que se tolos havia muitos, e sábios poucos, “então os sábios irão ao sábio recluso Gotama e os tolos virão a mim. Idem, eu não os seguirei”. E os dois se foram, dizendo que um dia ele compreenderá seu engano. Após a partida deles, um cisma ocorreu entre os discípulos de Sanjaya, seu mosteiro ficou vazio, e com isso ele vomitou sangue quente.

E os dois amigos foram ao Buddha, receberam ordenação, mas não se tornaram logo arahants, como os outros: um longo período de treinamento preparatório era necessário para preencherem seu destino pessoal, o de servir o Abençoado como seus principais discípulos, doravante Upatissa referido como Sariputta e Kolita como Mahamoggallana.

O que está envolvido nesta condição, nesta vontade, aspiração, destino tão elevado, de alguém fazer um voto (e se dedicar a isto) de se tornar um principal discípulo do Buddha? Um importante tema para nossa reflexão.

Após a ordenação, Mahamoggallana se retira para intensiva meditação e austeridades, e no 7º dia alcança os três elevados caminhos e chega ao ápice da perfeição de um discípulo principal. Sariputta alcança o arahato apenas em tempo posterior ao de Mahamoggallana, 15 dias após sua ordenação, chegando ao ápice do conhecimento referente à perfeição do discípulo, e realizando o arahato junto com os quatro conhecimentos analíticos (*patisambhida-ñāṇa*). Assim como aos reis é exigido extensas preparações para quando viajam, similarmente se dá para se tornar o discípulo principal de um Buddha.

No mesmo dia, perante a assembléia dos monges, Buddha outorga aos dois o lugar de principais discípulos. Alguns monges viram isto com desagrado e murmúrios, afinal os dois foram os últimos a serem ordenados, não seria como que passar por sobre grandes monges, mais antigos, como que por uma preferência do Buddha?

Ao que o Buddha esclarece que ele outorga a cada um de acordo com o que cada um tem como aspiração. Muitos éons atrás (medida muito longa de tempo), na

época do Buddha Anomadassi, Sariputta e Moggallana fizeram esta aspiração pelo lugar de principais discípulos e agora as condições se tornaram maduras para isto.

Isto nos remete a um ponto fundamental da perspectiva budista, não apenas como visão geral, mas no que cada um de nós deve refletir para si: podemos definir as aspirações para nosso destino à longo prazo, e as frutificações seguirão a lei do kamma.

E assim fizera Sariputta. Incontáveis tempos atrás, nascera como Sarada, em uma rica família bramânica, renunciando a seus bens em busca da libertação; e o futuro Moggallana nascia numa rica família como Sirivaddhana. Naquele tempo, surgia no mundo o Buddha Anomadassi, o 18º Buddha, na contagem anterior ao atual Buddha Gotama. Ele viu o “lugar” especial do destino de Sarada, foi até ele, que reconheceu ser o visitante o Iluminado, e Sarada ingressou na ordem monástica. Durante uma semana em que o Mestre entrava no estado meditativo de realização da cessação da percepção, sensação e outros processos mentais, Sarada honrou o Buddha mantendo sobre sua cabeça um ornamento de flores. Sarada não alcançou o arahato ou outro estágio de santidade, mas viu surgir em sua mente a aspiração de se tornar no futuro o principal discípulo de um Buddha.

Buddha Anomadassi, ouvindo essa aspiração de Sarada, e, lançando sua visão para o futuro, viu que esta aspiração não seria estéril. E confirmou-lhe que, num futuro longínquo, surgiria um Buddha de nome Gotama, e que Sarada lhe seria seu principal discípulo, com o nome de Sariputta.

Em seguida, Sarada recomendou urgentemente que seu amigo Sirivaddhana aspirasse a se tornar o segundo principal discípulo do Buddha Gotama. Ao que por uma semana Sirivaddhana proveu o Buddha e seus monges com alimentação e ricos mantos, e aspirou que pelo poder daquele mérito pudesse se tornar o segundo principal discípulo daquele mesmo Buddha. Ao que, semelhantemente, o Mestre confirmou seu futuro destino como Moggallana.

Em seguida, dedicaram-se às boas ações, Sarada em sua vida ascética meditativa e Sirivaddhana, como devoto leigo, cuidando das necessidades da Sangha e fazendo caridades. Este renasce na esfera celestial sensual, e Sarada, tendo maestrado as realizações de absorção e os *brahmaviharas*, renasce no reino de Brahma.

Segundo os Jatakas (narrações a partir das 550 vidas anteriores do Buddha Gotama), as relações deles com o Bodhisatta aparecem ao longo dessas vidas em variadas formas. Muitas vezes como animais: como chefe de cervos, um de seus filhos como o Sariputta e o outro como o futuro invejoso sobrinho Devadatta; o Bodhisatta como um ganso real que resgata seus jovens filhos Sariputta e Moggallana de um desastre; como uma perdiz preceptora de seus amigos, um macaco (Sariputta) e um elefante (Moggallana); como um sábio coelho que ensina o valor da ética e da generosidade para um macaco (Sariputta), um chacal (Moggallana) e uma lontra (Ananda). Testado sobre sua determinação por Sakka, rei dos devas, disfarçado num brâmane faminto, o coelho está resolvido a se lançar ao fogo para prover o brâmane com uma refeição.

Em muitas ocasiões os dois futuros discípulos foram de vital ajuda ao Bodhisatta: certa vez, como um picapau (Sariputta) e uma tartaruga (Moggallana), libertaram o gamo (Bodhisatta), preso numa armadilha. Mas houve situações trágicas, como quando de uma vez em que, como uma perdiz que ensinava os Veda aos jovens brâmanes, o Bodhisatta é morto e comido por um malvado asceta (Devadatta). Seus amigos, o tigre (Moggallana) e o leão (Sariputta) descobrem isto, e o tigre, em sua ferocidade (o leão Sariputta era de temperamento mais compassivo) mata o asceta. Em outros Jatakas, é narrado eles renascerem em formas celestiais, como Sakka, Canda (o deus lua), Suriya (o deus sol); como príncipes dos Nagas (serpentes semi divinas); como o virtuoso príncipe Mahapudama, salvo do precipício pelo espírito da montanha (Sariputta). Ou o Bodhisatta como o herói, exemplo supremo da virtude e sabedoria, e Sariputta como seu amigo, ou aluno, filho, irmão, como condutor da biga de guerra do rei (Bodhisatta), ou o general que, suplicando que o rei (Bodhisatta) não se vingue, cobre-lhe os membros amputados pelo maligno rei Kalabi (Devadatta) que o testava em sua paciência.

Uma outra observação: como poderíamos compreender seus nascimentos no reino animal, uma vez que, numa primeira perspectiva, esse tipo de renascimento denotaria frutificações de maus kammass?

Frequentemente nos Jatakas longos, Bodhisatta ingressa na vida ascética, seguido de Sariputta, inclinação que se conclui na derradeira existência apenas quando adentram na vida sem lar. Mas nem sempre Sariputta apóia as decisões de renúncia do Bodhisatta. Em uma de suas vidas como rei, seu filho mais velho (Sariputta) e o mais novo (Rahula) suplicam-lhe que abandone a idéia de se tornar um renunciante, exigindo do Bodhisatta uma árdua luta interior para superar seu apego aos seus filhos. Em outra vida, entretanto, quando o Bodhisatta vacila em assumir a renúncia, desta vez Sariputta, como o asceta Narada, com um poder místico, aparece-lhe e o encoraja a permanecer firme na decisão.

Assim fluem nos ventos do kamma esses dois nobres seres, no rumo das aspirações plantadas em passados longínquos. Após incontáveis vidas de prática das dez perfeições, de maturação das virtudes e mútuas amizades e confianças, é chegada a hora da atualização do objetivo: há 2.500 anos atrás, na Índia, um emergirá como o Buddha Gotama, e o outro como seu mais eminente discípulo, o Venerável Sariputta, Comandante do Dhamma.

Sariputta

Em certos suttas (DN 14, SN 47), o Buddha declara que todos os Buddhas têm uma dupla de excelentes discípulos maiores, como fator inerente da natureza da Ordem transmissora do Buddha. Três são suas funções básicas:

1. Ajudar o Mestre na consolidação do Dhamma e sua máxima acessibilidade aos seres.
2. Servir como modelos exemplares e supervisores no treinamento dos monges.
3. Assistir a administração da Sangha, principalmente na ausência do Buddha.

A delegação de responsabilidade não significa uma via democrática, nem uma via para status ou privilégios: Buddha é a autoridade última e fonte única dos ensinamentos, mas que como o Rei do Dhamma (*dhammaraja*), delega a supervisores tarefas de treinamento. Mais que privilégios, são imensas e pesadas responsabilidades, um compartilhar na compaixão que pesa sobre o Buddha, e no trabalho cooperativo para que o Dhamma se torne “bem sucedido e próspero, estendido, acessível, difundido, bem proclamado entre devas e humanos” (DN16; SN 51:10).

Interessante observarmos ser uma dupla, a de assistentes principais: um pela excelência em sabedoria (*mahapañña*) – Sariputta, outro pela versatilidade no exercício do poder espiritual (*iddhi*) – Mahamoggallana. Estão aqui presentes os arquétipos da presença do Dhamma no mundo: *Sabedoria e Poder*. Reencontramos essas realizações arquetípicas nas figuras do Monge e o Guerreiro, o Sacerdote e o Rei, Krishna e Arjuna. Mas isso se aplica a cada um de nós: o cultivo da sabedoria espiritual (*pañña*), e a energia (*viryia*), a coragem, o destemor, a determinação guerreira (*adithana*), necessária para a nossa luta interna, dentro de cada um, a luta entre nossas tendências saudáveis e as não-saudáveis.

A tarefa espiritual de Sariputta, por sua via de realização, é a de sistematização da doutrina e a análise detalhada de seus conteúdos, desenhando as sutis implicações do Dhamma e explicando seus significados com uma riqueza de detalhes. A tarefa especial de Mahamoggallana se fundamenta em seus poderes espirituais (portanto, não mundanos, não dirigidos para o domínio de outros ou ao auto engrandecimento) – poderes advindos da maestria da concentração (*samadhi*), que abre o profundo conhecimento das forças fundamentais que governam mente e matéria e suas sutis interconexões. Esses poderes são usados para remover os obstáculos para o estabelecimento seguro da Ordem monástica no mundo, e apoiar e transformar aqueles seres não facilmente sensibilizados pela perspectiva gentil e transformadora da instrução verbal.

Sariputta e Mahamoggallana, por suas realizações, são o modelo de realização para os monges, e professores ideais para os quais os jovens monges podem se dirigir para a orientação e instrução. Cabia a eles supervisionarem os assuntos da Sangha, sob a direção direta do Abençoado, e em sua ausência. Foi o Ven. Sariputta quem primeiro pediu ao Buddha que estabelecesse o código das regras monásticas (Vinaya). Foi pela pouca ênfase no ensino do Dhamma, pelo não estabelecimento das regras aos discípulos, e pela não recitação do Patimokkha, que a Ordem monástica de alguns Buddhas anteriores não durou muito tempo, lhes explicou o Buddha. Mas como o menos desenvolvido dos discípulos era já um entrante-na-corrente, Buddha não iria estabelecer essas precauções antes que os sinais de corrupção começassem a aparecer na Sangha.

Frequentemente o Buddha encarregava os dois para missões especiais: trazer de volta jovens monges arrebanhados pelo seu cobiçoso sobrinho Devadatta;

restaurar a ordem da Sangha ante a situações de má-conduta de certos monges, pronunciando seus banimentos, quando, a despeito das advertências, se recusavam a seguir a disciplina.

As excelências das qualidades de Sariputta

Uma de suas proeminências era o de muito ajudar os outros bhikkhus, seja oferecendo ajuda material (*amisanuggaha*) - cuidando do mosteiro, dos doentes e suas necessidades; nas andanças, ao invés de ser o primeiro do grupo, ficava para trás, ajudando os noviços e idosos, para só depois partirem com eles; seja oferecendo a ajuda do Dhamma (*dhammanuggaha*) – por exemplo, com sermões a monges em situações difíceis, como o caso de Samitigutta, sofrendo de lepra, para quem Sariputta lhe dá a contemplação das sensações como objeto de meditação, após a qual Samitigutta desenvolve insight, realiza os seis poderes supranormais (*chalabhiñña*) como um Arahant. Ou para o enfermo leigo Anathapindika, sofrendo de severas dores, para quem Sariputta lembra das libertações dos maus renascimentos que Anathapindika realizou como um entrante-na-corrente, e da certeza de sua iluminação, ao que ao ouvir-lhe, a sua dor diminui e ele se recupera de sua enfermidade. Ou no seu leito de morte, para quem Sariputta dá um sermão sobre o não-apego a todos os fenômenos condicionados. Anathapindika falece, renasce no céu de Tushita e em seu corpo celeste reaparece para o Abençoado, recitando um verso em homenagem ao seu principal discípulo. Sariputta combina as qualidades de um professor perfeito e um perfeito amigo, sempre pronto a guiá-los à compreensão da mente humana e ao interesse simpatético por outras pessoas.

Em suas excelentes qualidades, se inclui a paciência, o não ressentimento, a capacidade de suportar ofensas. Sua humildade era tão grande quanto sua paciência: estava sempre aberto a receber conselhos e correções de qualquer um, não apenas com aceitação reverente, mas também com gratidão. Sobre isso, Buddha contou o Alinacitta Jataka (Jat. 156), no qual Sariputta era um grato elefante que dedicara sua vida a ajudar um grupo de carpinteiros que o cuidaram quando ele estava ferido. Sua humildade e tolerância se distinguiram em certas ocasiões em que invejosos monges lançaram calúnias sobre ele (e Moggallana); ao final, com remorso o caluniador pede-lhe perdão, e Sariputta lhe perdoa e também pede-lhe perdão se por acaso o tivesse ofendido em algum modo.

E então Buddha recita este verso:

Sem ressentimento como a terra, firme como a pilastra de um portão

Equilibrado e forte nos votos

Com a mente sem impurezas como uma lagoa

Para alguém assim, o ciclo de nascimentos não mais existe”

(Dhammapada, 95)

O cultivo do perdão, pela meditação do perdão, conforme nos foi ensinado pelo Bhante Buddharakkhita, é um importante treinamento para superarmos o ressentimento, a mágoa, o orgulho do ego; para o cultivo de metta (bondade-amizade

amorosa) por nós mesmos e pelos outros (em nossas faltas, criadas pela fraqueza de nossa plena atenção):

Eu perdôo a mim mesmo, pelas minhas ações do corpo, fala e mente, que intencional ou não intencionalmente, tenham criado algum sofrimento para alguém.

Eu perdôo a todos aqueles que, por suas ações do corpo, fala e mente, que intencional ou não intencionalmente, tenham criado algum sofrimento para mim.

Algumas vezes o caluniador, mesmo após a advertência do Buddha, persistia na falsa acusação, como foi o caso do monge Kokalika, que ao final teve seu corpo todo coberto de furúnculos, até morrer, e renasceu no inferno, fruto de suas próprias ações kármicas. Este incidente, que revela a importância do arrependimento, é relatado no SN 6:10; Suttanipata: Mahavagga (10); Anguttara Nikaya (10,89) e Takkariya Jataka (Jat. 481).

Qualidades como gratidão, bondade, solidariedade e paciência renderam ao Ven. Sariputta muitas amizades profundas que duraram por toda sua vida de monge, como a de Mogallana e Ananda, que o admiravam e estimavam profundamente como um grande amigo, diante de cuja morte, Ananda disse com emoção: “Quando o nobre amigo (Sariputta) se foi, o mundo para mim mergulhou na escuridão”, conforme consta de modo comovente no Cunda Sutta (SN 47).

Sariputta tinha três irmãos (Cunda, Upasena e Revata) e três irmãs (Cala, Upacala e Sisipacala); todos os seis se ordenaram e alcançaram o arahato. Foi apenas próximo ao final de sua vida que ele conseguiu trazer ao Dhamma sua mãe, uma brâmane hostil aos ensinamentos do Buddha. Há muitas conversações registradas entre Sariputta e Moggallana, Ananda, Anurudha, Mahakotthita, Upavana, Samadhi, Savittha, Bhumija e muitos outros monges; Sariputta sempre entusiasta em encontrar nobres monges.

O Meditador

Sua entrada no Dhamma se deu não pelo caminho das absorções meditativas, mas pelo insight direto e espontâneo sobre a condicionalidade de todos os fenômenos e o elemento incondicionado que está para além da teia das causas e efeitos. Ao se tornar discípulo do Buddha, entretanto, alcançou a maestria dos estágios da absorção meditativa, as nove realizações meditativas: os quatro jhanas materiais sutis, os quatro estados imateriais, e a cessação da percepção e sensação; e ouvindo o sermão do Buddha para Dighanakha, surgiu-lhe o conhecimento final, libertando-o das impurezas pelo não-apego. Os super poderes, não almejados por Sariputta, vieram-lhe como que espontaneamente em seu processo de realização do arahato.

A expressão maior de sua sabedoria era a sua facilidade nos quatro conhecimentos analíticos (*patisambhida-ñāṇa*):

- O conhecimento analítico do significado: insight especial sobre o significado, implicações e ramificações das doutrinas, bem como sobre os efeitos que podem surgir de causas específicas;

- O conhecimento analítico da doutrina: insight especial sobre as próprias doutrinas, suas interconexões no quadro geral do Dhamma e causas originadoras dos efeitos;
- O conhecimento analítico da linguagem: entendimento da linguagem, gramática e etimologia;
- O conhecimento analítico da perspicácia: habilidade no manejo dos três conhecimentos referidos, quando na exposição do Dhamma para o Despertar de outros.

O Girador da Roda do Dhamma

Sua habilidade como expositor do Dhamma:

- *Mahahatthipadopama Sutta* (O Grande Sermão no Símile da Pegada do Elefante, MN 28): Assim como a pegada do elefante contém as pegadas de todos os outros animais, do mesmo modo as Quatro Nobres Verdades contêm tudo que é saudável.
- *Sammaditthi Sutta* (Sermão sobre a Visão Correta, MN 29): sobre os cursos da ação saudável e não-saudável, os quatro nutrimentos, as Quatro Nobres Verdades, os Doze fatores da Originação Dependente e as impurezas. Uma obra prima de ensinamento.
- *Samacitta Sutta* (AN 2: 35): ouvido pelos “devas da mente tranqüila”. Sobre o resíduo dos renascimentos, que aguardam os discípulos entrantes-na-corrente, uma-vez-retornantes, e não-retornantes.
- *Sangiti Sutta* (Recital) e *Dasuttara Sutta* (A série décupla) (DN 33 e 34): Compilação de termos doutriniais.

Compilação de termos doutriniais

Trabalhos Canônicos

- Niddesa (Khuddaka Nikaya), explicações de palavras, contextos, instruções lingüísticas, questões e versos em honra ao Buddha.
- Patisambhidamagga (tradução de Bhikkhu Ñanamoli, “O Caminho da Discriminação”, PTS, 1982), 30 tratados sobre os tipos de conhecimento, e visões especulativas errôneas.

O Abhidhamma

Ensinado pelo Buddha por três meses no céu de Tavatimsa (o reino celeste dos Trinta e Três, segundo a cosmologia budista) para os devas dos 10.000 mundos, neles incluída a Rainha Maya, mãe do Buddha, renascida como deva no céu de Tusita. Retornando, Buddha ensina o Abhidhamma para o Ven. Sariputta, que retransmite o Abhidhamma (o 3º do Tipitaka, contendo as estruturas conceituais dos Suttas) aos seus 500 discípulos.

O Parinibbana do Ven. Sariputta

Sua última dívida foi paga em seu leito de morte. Quando o Ven. Sariputta viu a proximidade de sua morte, pediu permissão ao Buddha e se dirigiu à sua casa natal, onde pôde inspirar sua mãe brâmane, até então hostil aos ensinamentos do Buddha, e ela se tornou uma entrante-na-corrente.

As chamas da pira de sua cremação foram apagadas pelo sênior Anurudha e o Sênior Cunda (seu irmão mais novo) reuniu as relíquias e retornou para onde o Buddha se encontrava. Esses eventos se encontram relatados no Cunda Sutta (SN 47:13). Tomando das relíquias em suas mãos, o Buddha proferiu versos em honra às virtudes do seu grande discípulo, e pediu que fosse erigida uma estupa (relicário) para as relíquias. E se dirigiu a Rajagaha. Nesse tempo, o Ven. Mahamoggalana também havia falecido, e o Buddha tomou suas relíquias e uma estupa foi erigida para elas. E indo a Ukkacela, nas margens do Ganges, proferiu o Ukkacela Sutta (SN 47:14) sobre o Parinibbana de Sariputta e Mahamoggallana.

Os Sermões de Sariputta

Majjhima Nikaya

- *Dhammadayada Sutta* (MN 3): Herdeiros no Dhamma
- *Anangana Sutta* (MN5): Sem manchas
- *Sammaditthi Sutta* (MN 9): Visão Correta
- *Mahahatthipadopama Sutta* (MN 28): O Grande Sermão sobre o Simile das Pegadas do Elefante
- *Mahavedalla Sutta* (MN43): A Grande Série de Questões e Respostas
- *Gulissani Sutta* (MN 69): Sermão para Gulissani
- *Dhanañjani Sutta* (MN97): Sermão para Dhanañjani
- *Sevitabbasevitabba Sutta* (MN 114): O que ser cultivado e o que não ser cultivado
- *Anathapindikovada Sutta* (MN 143): Sermão para Anathapindika

Digha Nikaya

- *Sampasadaniya Sutta* (DN 28): Sermão de inspiração na fé
- *Sangiti Sutta* (DN 33) e *Dasuttara Sutta* (DN 34): Recitação Doutrinal e Sermão da Serie Décupla

Anguttara Nikaya

- 2.35
- 3.21
- 4.79
- 4.158
- 4.167-68

- 4.172
- 4.173
- 4.174
- 4.175
- 4.179
- 5.165
- 5.167
- 6.14-15
- 6.41
- 7.66
- 9.6
- 9.11
- 9.13
- 9.14
- 9.26
- 9.34
- 10.7
- 10.65
- 10.66
- 10.67-8
- 10.90

Samyutta Nikaya

Nidana Samyutta

- 24
- 25
- 31
- 32

22. Khandha Samyutta

- 1
- 2
- 122-23
- 126

28. Sariputta Samyutta

- 1-9
- 10

35. Salatayana Samyutta

- 232
- 38
- 1-2
- 3-16

48. Indriya Samyutta

- 44
- 48-50
-

55. Sotapatti Samyutta

- 55

Maha Moggallana

(do texto de Hellmuth Hecker)

Vimos anteriormente a trajetória de vidas que conduzem Sariputta e Maha Moggallana a se tornarem os principais discípulos do Buddha Gotama.

Após obter a ordenação, Moggallana se retira para a floresta, e com grande zelo medita sentado ou andando, mas apesar de sua forte determinação, se via constantemente dominado pela sonolência. O calor dos trópicos, o esforço de seus muitos anos de vida andarilha e as tensões internas levaram seu corpo à fadiga. O Buddha, percebendo em sua solicitude e com sua visão supranormal, as dificuldades do novo monge, lhe aparece e lhe orienta em como superar a sonolência: não dar atenção a ela, refletir sobre o Ensino, repeti-lo, puxar as orelhas, levantar-se e lavar os olhos e olhar em todas as direções e para as estrelas e constelações, prestar atenção à percepção da luz do dia e da noite, e com isto cultivar uma mente plena de brilho, caminhar com plena atenção, deitar a postura do leão sobre o lado direito do corpo, mantendo na mente o pensamento sobre o acordar, e, ao acordar, levantar-se rapidamente, pensando: “Não devo indulgir no conforto do descanso e deitar, no prazer do sono” (DN2).

Após ter recebido essas instruções do Buddha, Moggallana lhe pergunta sobre como eliminar a sede ardente do desejo, ao que o Buddha lhe orienta:

“Aqui, Moggallana, um monge aprende isto: ‘A nada convém se apegar!’ Quando um monge aprendeu que a nada convém se apegar, ele conhece tudo diretamente; quando ele compreende plenamente tudo, qualquer sensação que ele experimente, seja prazerosa, dolorosa, ou neutra, ele permanece contemplando a impermanência em todas essas sensações, contemplando a não-paixão, contemplando a cessação, contemplando o abandono. Assim permanecendo, ele não se apega a nada do mundo; não se apegando ele não se agita; e sem agitação ele pessoalmente alcança a completa extinção das impurezas. Ele conhece: “O renascimento cessou, a vida santa foi vivida, o que tinha que ser feito foi feito, não há mais esse ou aquele estado”.

Tendo recebido essas instruções pessoais (conforme descrito em AN 7:58), Moggallana retoma com ardor sua prática, supera os cinco obstáculos, e alcança progressivamente os quatro jhanas materiais (*rupajhanas*), as quatro absorções imateriais (*arupajhanas*), e a cessação da percepção e da sensação (*saññavedayita nirodha*). Então ele alcança a “concentração da mente sem sinal”, livre de tudo que marca a existência condicionada (SN 40: 2-9). Mas essas realizações ainda têm certo apego sutil. Ajudado pelas instruções do Buddha, ele enfrenta e supera esses grilhões

mais sutis e alcança o fruto final, e se torna um arahant, na perfeita liberação da mente e libertação pela sabedoria.

Os arahants se distinguem no que se refere aos dois tipos baseados em suas proficiências na concentração:

- Liberados em ambos os modos (*ubhatobhagavimutta*): liberados do corpo material através das absorções imateriais, e de todas as impurezas pela via do arahato. Estes alcançam as oito libertações (*citta vimokkha*), que incluem as quatro realizações imateriais e a cessação. Sariputta e Moggallana eram arahants deste tipo.
- Liberados pela sabedoria (*paññavimutta*). Carecem da maestria das oito libertações, mas destruíram todas as impurezas através da sabedoria.

Moggallana maestrou não apenas os sucessivos planos da concentração meditativa, mas também explorou os “caminhos do poder psíquico” (*iddhipada*), obtendo os *abhinñā* (modos de conhecimento supra normais). Tudo isto em apenas uma semana, o que revela a intensidade e profundidade de sua determinação, que lhe permitiu num tempo aparentemente curto, trazer à sua mente enormes éons passados de contração e expansão dos mundos. Sua penetração foi rápida (*khippabhiñña*), mas difícil (*dukkha-patipada*), o que requereu a intensa ajuda do Buddha; já Sariputta precisou de duas semanas, mas seu progresso foi suave (*sukkha-patipada*), mas independente e superior quanto ao escopo de seu conhecimento.

Segundo os Jatakas, ao menos por trinta vidas, Moggallana, Sariputta e o Bodhisatta estiveram juntos. Algumas vezes como irmãos, amigos ou ministros, ou seus discípulos ascetas, seus professores, filho e general do Bodhisatta. Quando animais, geralmente Sariputta nascia em espécies animais superiores: cobra e rato, pássaro e tartaruga, leão e tigre, macaco e elefante, macaco e chacal, homem e chacal. O mesmo quando nascidos como humanos: príncipe e ministro, ministro e filho de um escavo, condutor da carruagem do Bodhisatta e do rei Ananda, sábio asceta Narada e o deus-lua. Quando ambos eram ascetas ou deidades, geralmente eram do mesmo status. Em uma vez, Sariputta era apenas o deus-lua e Moggallana o superior deus-sol; Sariputta o rei dos nagas e Moggallana o rei de seus inimigos, os supannas. A única vez que Moggallana aparece sem Sariputta foi como Sakkha, rei dos desuses. Certa vez, ambos aparecem como comerciantes avaros que enterram muito e renascem como cobra e rato, perto de seu tesouro enterrado. Certa vez, Moggallana renasce como um chacal, e, ao entrar, movido pela gula, pelo intestino para o estomago de um elefante morto, não consegue sair, sofrendo com isto de um medo mortal, símbolo dos perigos do deleite sensual. E certa vez, Moggallana renasce como um guardador do celeiro de grãos e Sariputta como comerciante, ambos observando cuidadosamente a lei do não-roubar.

Os Poderes Psíquicos de Moggallana

Segundo o autor deste texto-base, muitos intérpretes ocidentais veem o Budismo como essencialmente um método pragmático de praticas psicológicas livres

das tradicionais amarras da religião. E que as dimensões supra racionais das maravilhas notáveis do Budismo seriam dispensáveis e frutos de interpolações tardias. Mas nos suttas encontramos frequentes descrições sobre os poderes supra normais do Buddha e seus discípulos arahants, que contradizem essa visão racionalista desses intérpretes, que tentam expurgar do Budismo esses aspectos (e eventos) supranaturais e “miraculosos”, sob o pretexto da natureza racionalista do Budismo, ante ao suposto dogmatismo e “misticismo” do Cristianismo.

Se é certo, por um lado, que o Buddha adverte sobre os limites e perigos da fascinação pelos poderes psíquicos, por outro lado, os suttas vêem de modo positivo a aquisição dos poderes supranormais como ampliadores da estatura e completude daquelas pessoas realizadas. Para aqueles cujas mentes ainda estão sob o domínio da ambição pessoal, poderes podem ser terríveis perigos na delusão de um self. Mas para aqueles ricos em compaixão e clara visão sobre a ilusão do “eu-meu”, esses poderes podem ser ferramentas valiosas a serviço do Sasana (termo de difícil tradução, algo como “a transmissão da Doutrina”, ou “Dispensation” como alguns tradutores apresentam para a língua inglesa).

Encontramos nos suttas menção sobre um conjunto de seis faculdades supranormais, ou supraconhecimentos (*chalabhiñña*), possuídos por muitos arahants. Cinco desses poderes são considerados mundanos: os conhecimentos dos modos do poder psíquico (*iddhividha-nāna*); o conhecimento do ouvido divino (*dibbasotadhatu-nāna*); o conhecimento sobre a mente de outros (*cetopariya-ñāna*); o conhecimento da lembrança das vidas passadas (*pubbe-nivasanussati-ñāna*); e o conhecimento pelo olho divino sobre o desaparecer e renascer dos seres (*dibbacakkhu, cutupatañāna*). Esses poderes podem ser alcançados por yoguis e místicos que maestraram as meditações de absorção, mas não são requerimentos nem indicações da libertação. Apenas o sexto, o conhecimento da destruição das impurezas (*asavakkhaya-nāna*) é a realização supramundana de que todas as impurezas foram totalmente erradicadas e não mais ressurgem. É o conhecimento dos arahants e sua garantia da libertação final.

Segundo o Buddha, os cinco primeiros estão incluídos nos “frutos da reclusão” em que culmina o sistema de treinamento mental (DN2), bem como benefícios da observância dos preceitos (MN6), poderes realizados pelo próprio Buddha, que lhe permitiria, se assim quisesse, viver até o final do éon (DN2; SN 51:10). O sexto supraconhecimento é fruto do insight, enquanto o cinco supraconhecimentos mundanos provêm da concentração. Nos suttas, o Buddha os apresenta apenas após explicar os quatro jhanas, pré-requisitos por que abrem na consciência vias de acesso a esses conhecimentos, purificando e clareando a mente de suas obscuridades de pensamentos e humores que encobrem a luminosidade da mente, drena sua potência e a torna rígida e inoperante. Quando a mente se torna brilhante (DN2) devido aos quatro jhanas, ela desvela domínios ocultos do conhecimento normalmente cobertos por camadas impenetráveis de obscuridade criadas pela ignorância. Para os que conseguem esses acessos, como o Buddha e Moggallana, seus horizontes se tornam incomensuráveis, transcendendo todas as fronteiras e limitações, graças a esses conhecimentos, adquiridos na base das práticas dos “quatro caminhos do poder/sucesso” (*iddhipada*).

Do ponto de vista prático, essas quatro vias demandam o cultivo da concentração através da vontade (*chanda*), energia (*viriyā*), mente ou concentração (*citta*) e investigação (*vimamsā*). Cada uma delas deve vir acompanhada pelas “forças volitivas do esforço” (*padhanasankhara*), que constróem uma imensa energia psíquica. Com frequência, o Buddha nos incentiva a fazer surgir o importante fator da energia, necessária para a concentração e o insight libertadores. A realidade material – descrita pela Física quântica como uma manifestação da energia (não há “coisas sólidas”, apenas fluxos incessantes e cambiantes de energias) – é apenas um ínfimo nível dos possíveis mundos condicionados. Estes se revelam aos sábios capazes de transcender os limites das faculdades sensoriais comuns, e penetrar as relações subjacentes entre mente e forma, o que lhes confere poderes de controle sobre os fenômenos, controles que aparecem aos olhos comuns como “maravilhas” e “milagres”.

O Ven. Moggallāna maestrou esses poderes amplamente, por isso o Buddha o nomeou o mais excelente discípulo entre os que possuíam os poderes psíquicos (AN 1:14). Outros proeminentes discípulos também maestraram certos poderes, mas apenas em uma ou duas áreas, como: o monge Anuruddha e a monja Sakula – divino olho; o monge Sobhita e a monja Bhadda Kapilani – rememoração de vidas passadas; o monge Sagala – exercício do elemento fogo; Cula Panthaka – manifestar-se em múltiplos corpos; Pilindavaccha – comunicação com seres celestes. Mesmo a monja Uppalavansā, a mais excelente entre as monjas no exercício dos poderes psíquicos, não ultrapassava a compreensiva maestria de Moggallāna sobre as faculdades psíquicas:

Penetração na mente de outros

Certa vez, após o Buddha ter se recusado a recitar o Patimokkha por haver impureza na Assembléia dos monges, foi Moggallāna que localizou com sua mente a presença de um monge corrupto, e o retirou.

Divino ouvido

Certa vez, Moggallāna esclarece para Sariputta, que ele Moggallāna e o Buddha, dirigindo um para o outro o divino olho e o divino ouvido, se engajaram numa reflexão do Dhamma sobre a faculdade mental da energia. Ao que Sariputta afirma que assim como o Buddha, Moggallāna poderia viver por todo um eon, se quisesse. Com seu divino ouvido, Moggallāna podia também ouvir as vozes dos não-humanos, as deidades, espíritos, etc. e receber mensagens deles.

Divino olho

Moggallāna, com seu divino olho, era capaz de perceber o Buddha à longa distancia. Certa vez, Moggallāna vê um demônio maligno (*yakkha*) estapear Sariputta na cabeça, quando este estava meditando, mas Sariputta não pôde ver.

Moggallāna usava seu divino olho principalmente para observar a operação da lei do kamma e seus frutos, segundo relatos reunidos em dois livros do Cānone Pāli, o Petavattha (51 relatos, sobre o reino dos fantasmas) e o Vimanavathu (85 relatos, sobre as moradas celestes)

Viagem no corpo mental

Moggallana podia corporalmente partir rapidamente do mundo humano e reaparecer num reino celeste. Repetidamente ele usava desse poder para ensinar outros seres, com o fêz sobre os fatores da entrada-na-corrente, para os devas do reino dos Trinta e Três. No sutta 37 do MN, Moggallana confronta Sakka, rei do reino dos Trinta e Três, que se achava muito poderoso e imortal, ao que Moggallana questiona Sakka sobre se este havia entendido o ensinamento sobre a extinção do desejo-sede ardente.

Moggallana aparece ao Buddha quando este estava ensinando o Abhidhamma por três meses num dos reinos celestes, e lhe informa sobre os acontecimentos na Sangha, pedindo-lhe instruções (Jataka 483).

Certa vez, através de questionamentos e seus suprapoderes, Moggallana abala a auto segurança de uma deidade Brahma, que acreditava que nenhum asceta poderia penetrar em seu reino (SN 6:5). Em uma outra ocasião, ele aparece para um Brahma chamado Tissa – que tinha sido anteriormente um monge e falecera recentemente – e lhe instrui sobre a entrada-na-corrente e a realização da libertação final (AN 4:34; 753).

Locomoção supranormal

Certa vez, Buddha pede a Moggallana que use de seus poderes e estremeça um mosteiro onde monges, negligentes, se ocupavam de assuntos mundanos, ao que estes retornam à prática e aos ensinamentos. Buddha lhes explica que é no desenvolvimento das quatro vias do poder que reside a fonte dos poderes de Moggallana (SN 51:14; Jataka 299).

Certa vez, ao visitar Sakka, rei dos deuses, e ver que este vivia cativo dos prazeres sensuais celestiais, se esquecendo do Dhamma, Moggallana faz estremecer o palácio celestial, ao que Sakka relembra o ensinamento do Buddha sobre a extinção do desejo, ensinamento que o Buddha havia dado a Moggallana para a realização do arahato (MN37). Apenas numa ocasião Buddha desaprovava a sugestão de Moggallana para o uso de seus supra poderes. De modo geral, Buddha recomendava que um monge não exibisse poderes supranormais apenas para impressionar os leigos (Vin 2:110-112).

O Poder de Transformação

Certa vez, quando o Buddha junto com cem monges visitava reino celeste dos Trinta-e-Três, passaram sobre o teto da serpente real Nandopananda, o que a enfureceu, e por vingança, a leva a rodear o Monte Sineru e envolvê-lo em escuridão. Foi Moggallana que a enfrentou numa terrível batalha de fogo e fumaça, e se transformando em supanna, a águia celeste e arquinimiga da serpente naga, subjuga-a e a traz triunfalmente ao Buddha.

Como muitos outros arahants discípulos do Buddha, Moggallana deixa no Theragatha 63 versos testemunhos de seus triunfos sobre as vicissitudes da vida.

Os últimos dias, e a morte de Moggallana

Embora Sariputta e Moggallana fossem inseparáveis, a morte deles, bem como onde alcançaram o arahato, ocorreu em lugares diferentes. Meio ano antes do Parinibbana de Buddha, na lua cheia do mês Kattika (outubro/novembro), Sariputta faleceu. Logo após, Moggallana tem um marcante encontro com Mara, o Maligno Tentador e Senhor da Morte (MN 50)

Neste sutta, Moggallana narra que certa vez ele era um Mara de nome Dusi, Mara era seu sobrinho, filho de sua irmã Kati. Segundo a cosmologia budista, a posição de Mara é fixa, e assumível por diferentes indivíduos segundo seus karmas (B.Bodhi, *The Middle Length Discourses of the Buddha*, nota 517, p. 1248). Naquele tempo, o Buddha era Kakusandha (que seria sucedido pelo Buddha Konagama, Kassapa e Gotama). Como todos os Buddhas, Kakusandha possuía um par de principais discípulos, Vidhura (“o Inigualável”) e Sanjiva (“o Sobrevivente”).

Então Mara Dusi toma posseção dos brâmanes chefes de família, fazendo-os imaginar cenas de condutas impróprias dos bhikkhus virtuosos, de modo que os brâmanes lançassem ofensas, denegrições sobre a meditação dos bhikkhus. Assim, isso faria surgir na mente deles impurezas mentais (raiva, desânimo), e não escapariam do samsara. Buscando orientação do Buddha, o Abençoado lhes recomenda a irradiação dos quatro brahmaviharas como antídotos.

Frustrado Mara Dusi tenta a via da bajulação com pseudo-honras aos bhikkhus, de modo que eles caíssem no apego ao elogio, complacência e negligência. O Buddha Kakusandha lhes orienta a contemplação das impurezas do corpo (para a superação do desejo sexual), à percepção da repulsividade do alimento (para o lide com o apego aos sabores), à percepção do desencantamento para com o mundo (para a superação da atração do mundo) e a contemplação da impermanência de todas as formações (para a superação da embriaguez pelo ganho, honra e elogio).

Novamente frustrado, Mara Dusi tomou posseção de um menino e quando Kakusandha caminhava com o Ven. Vidhura, Mara Dusi joga uma pedra na cabeça de Vidhura, fazendo o sangue jorrar pelo profundo ferimento. Ao que Kakusandha decide pôr um limite aos desvairios de Mara Dusi: com o olhar de elefante (que vira todo o corpo para olhar), o Abençoado mira Mara, e devido ao seu pesado mau karma, Mara morre e ressurge no Grande Inferno de Avici, aonde, por ter atacado um arahant, ele, de Senhor dos Infernos agora se torna vítima dos infernos, e queima com sensações dolorosíssimas por dez milênios.

Assim, esse encontro atual com Mara traz mais uma vez para a mente de Moggallana (e nos serve de alerta) os terrores do samsara, do qual ele estava agora liberto para sempre. Moggallana, desse modo, afirmando a Mara:” Eu te vejo, Mara, não pensa que não te vejo”, pune Mara, que desaparece.

Pouco depois, Moggallana sente que se esgotava o tempo de sua última existência. Que não havia razão para estender a duração de sua vida (embora ele poderia, se quisesse), e calmamente permite que a impermanência siga seu curso. Moggallana falece na quinzena após a morte de Sariputta, na lua nova do mês Kattika (outono), ambos com 84 anos; Buddha falece na noite da lua cheia do mês Vesakha (maio), com 80 anos, meio ano após a morte de seus dois principais discípulos.

Diferentemente do Buddha e Sariputta, que tiveram morte serena, a de Moggallana foi relativamente terrível. As circunstâncias de sua morte estão relatadas no Comentário do Dhammapada (versos 137-140) e no Comentário dos Jatakas (Jat

523). Um grupo de ascetas rivais invejosos e frustrados com as perdas de popularidade e saídas de muitos de seus membros, devido aos poderes de Moggallana, contratam assassinos para matá-lo. Por várias vezes eles tentam, mas Moggallana, graças aos seus poderes, escapa. Não por medo da morte, mas para oferecer aos assassinos um tempo de reconsideração sobre o crime, dados os efeitos de um renascimento infernal pelas temíveis consequências kammicas. Mas o desejo pelo dinheiro do crime faz os assassinos persistirem no intento. E, numa das vezes, Moggallana subitamente perde o domínio psíquico sobre o corpo, devido à maturação de uma sua ação kammica num passado de longínquos éons, pela qual teria levado seus pais à morte. Moggallana realiza que não tinha opção senão aceitar seu destino.

Os assassinos o matam, reduzem seus ossos a pedaços, e fogem. Mas Moggallana, ainda graças a seus poderes, recobra a consciência, e pelo poder da meditação, eleva-se aos ares e aparece diante do Buddha, anunciando que atingiria o Nibbana final. O Buddha pede-lhe que dê um sermão final aos monges, e ele o faz. Com uma mostra final de maravilhas e prestando homenagem ao Abençoado, retorna à Montanha Negra e entra no Nibbana sem resíduo. O kamma passado afetou-lhe o corpo, mas não abalou sua mente, pois não mais se identificava com sua personalidade empírica, e os cinco agregados que outros identificavam como “Moggallana” era tão estrangeiro quanto um corpo inanimado. O fecho de sua vida mostrou que a lei do kamma tem mais poder que os do mestre dos poderes psíquicos; apenas um Buddha pode controlar as consequências kammicas sobre seu corpo em tal extensão que nada poderia causar sua morte prematura.

Buddha declara que a excelência de seus dois principais discípulos era tal que após a morte deles, a Assembléia dos monges parecia vazia. Mas não há lamentação da parte do Abençoado. E que, aqueles que treinam no Nobre Ótuplo Caminho, e têm as Três Jóias como único refúgio, transcenderão os reinos da escuridão do samsara. Isto o Mestre nos garante.